



As ruas são calmas, principalmente na parte baixa, dizem os moradores

Forte São João: favela de concreto e tijolo

"Eu aprendi a nadar na av. Vitória".

Quem ouviu esta frase pode até pensar que passa pela cabeça do seu autor uma grande confusão mental; mas o que o funcionário da Cesan, João Isaiás Ferreira, está falando tem muito a ver com o Forte São João, hoje uma favela com mais concreto e o tijolo do que madeira, que, ao longo de sua história, foi obrigada a uma convivência direta com a natureza.

Uma convivência que nem sempre de lazer como a natação de João Isaiás, porque em sua origem, o morro era um lugar com muitas cobras, lagartos, raposas e macacos. Uma fauna que permitia que os moradores fizessem as suas caçadas, mas em compensação representava um perigo, principalmente para as crianças. Por isso, os moradores, se por um lado lamentam que o crescimento natural da cidade tenha acabado com a praia localizada na Av. Vitória, em frente de onde está hoje o Colégio Salesiano, por outro não tem qualquer saudade dos tempos das raposas, cobras e lagartos.

VIDA DIFÍCIL

"Hoje a gente tem inflação, muitos ladrões por aí, mas não tem nenhuma saudade de antigamente" — garante D. Laura de Freitas Cruz, de 69 anos, uma das moradoras mais antigas, "do tempo em que a gente para poder fazer comida era obrigada a cortar lenha lá em cima do morro".

D. Laura veio morar no Forte São João há exatamente 42 anos, quando só havia cerca de 10 casas em todo o morro e a vida era muito mais difícil do que agora, "pois quem tem um dinheirinho vai ali (apontando para o comércio instalado no pé do morro), compra o gás e pronto: não precisa fazer como nós, ficar subindo e descendo morro atrás de lenha".

Originariamente, o bairro conhecido por Forte São João incluía toda a extensão de terra que vai da divisa com o Morro do Romão (em Jucutuquara) até o Colégio Estadual e o Salesiano, onde está localizado o que restou do forte que deu nome ao lugar, inclusive com os canhões, que defendiam a cidade, apontados para a entrada do Porto de Vitória. Hoje, para a população, Forte de São João vai até o cruzeiro construído para os lados da Esplanada Capixaba.

INVASÃO

Estima-se que cerca de 10 mil pessoas



no Forte foi no primeiro governo de Francisco Lacerda de Aguiar, nos anos 50. Cumprindo uma promessa de campanha, o governador permitiu que as terras fossem ocupadas por quem quisesse, e logo em seguida construiu as escadarias de acesso, a Stael Fontana e a Theodoro Góes.

Mesmo com essas mudanças, os moradores ainda continuaram com sérios problemas no seu dia-a-dia. O maior deles era a água, pois só havia uma nascente localizada em cima do morro, o que obrigava os moradores a longas caminhadas.

Apesar de, a partir dos anos 50, abrigar uma população de porte razoável, somente nos anos 70 é que os moradores passaram a contar com água encanada (colocada em 1975) e luz elétrica eficiente (de 1976) pois a energia que chegava nas casas não permitia que os moradores tivessem aparelhos eletrodomésticos. Dava, no máximo, para ter uma lâmpada, assim mesmo das mais fracas.

Hoje, o Forte de São João é um lugar como outro qualquer, que as pessoas que não se incomodam de ter de percorrer diariamente suas imensas escadarias procuram para morar. Uma casa média, atualmente, está custando de aluguel entre Cr\$ 25 mil e Cr\$ 30 mil, e quase não há disponível, enquanto para venda o preço gira em torno de Cr\$ 800 mil / Cr\$ 1 milhão, uma quantia relativamente pequena se comparada com a maioria dos demais bairros da cidade.

Se antigamente a vida no bairro era bem difícil, a de hoje está longe de ser a que os moradores querem. A maioria se queixa do descaso da Prefeitura e do Governo do Estado, principalmente depois das últimas eleições, em novembro de 1982, quando muitos políticos fizeram os moradores ter es-

"Eu aprendi a nadar na av. Vitória".

Quem ouve esta frase pode até pensar que passa pela cabeça do seu autor uma grande confusão mental; mas o que o funcionário da Cesan, João Isaias Ferreira, está falando tem muito a ver com o Forte São João, hoje uma favela com mais concreto e o tijolo do que madeira, que, ao longo de sua história, foi obrigada a uma convivência direta com a natureza.

Uma convivência que nem sempre de lazer como a natação de João Isaias, porque em sua origem, o morro era um lugar com muitas cobras, lagartos, raposas e macacos. Uma fauna que permitia que os moradores fizessem as suas caçadas, mas em compensação representava um perigo, principalmente para as crianças. Por isso, os moradores, se por um lado lamentam que o crescimento natural da cidade tenha acabado com a praia localizada na Av. Vitória, em frente de onde está hoje o Colégio Salesiano, por outro não tem qualquer saudade dos tempos das raposas, cobras e lagartos.

VIDA DIFÍCIL

"Hoje a gente tem inflação, muitos ladrões por aí, mas não tem nenhuma saudade de antigamente" — garante D. Laura de Freitas Cruz, de 69 anos, uma das moradoras mais antigas, "do tempo em que a gente para poder fazer comida era obrigada a cortar lenha lá em cima do morro".

D. Laura veio morar no Forte São João há exatamente 42 anos, quando só havia cerca de 10 casas em todo o morro e a vida era muito mais difícil do que agora, "pois quem tem um dinheirinho vai ali (apontando para o comércio instalado no pé do morro), compra o gás e pronto: não precisa fazer como nós, ficar subindo e descendo morro atrás de lenha".

Originariamente, o bairro conhecido por Forte São João incluía toda a extensão de terra que vai da divisa com o Morro do Romão (em Jucutuquara) até o Colégio Estadual e o Salesiano, onde está localizado o que restou do forte que deu nome ao lugar, inclusive com os canhões, que defendiam a cidade, apontados para a entrada do Porto de Vitória. Hoje, para a população, Forte de São João vai até o cruzeiro construído para os lados da Esplanada Capixaba.

INVASÃO

Estima-se que cerca de 10 mil pessoas vivem atualmente no Forte São João, aí incluindo Três Marias, que é a parte mais pobre do lugar. Um dos primeiros moradores, Adolfo Fontana, motorista da Prefeitura, se lembra de que, no final dos anos 40 — princípios dos 50, "todo mundo no morro enfrentava as mesmas dificuldades, desde o acesso ruim até a falta d'água".

A primeira grande transformação ocorrida

Cyro Denaday



Izaias: aprendi a nadar logo ali



no Forte foi no primeiro governo de Francisco Lacerda de Aguiar, nos anos 50. Cumprindo uma promessa de campanha, o governador permitiu que as terras fossem ocupadas por quem quisesse, e logo em seguida construiu as escadarias de acesso, a Stael Fontana e a Theodoro Góes.

Mesmo com essas mudanças, os moradores ainda continuaram com sérios problemas no seu dia-a-dia. O maior deles era a água, pois só havia uma nascente localizada em cima do morro, o que obrigava os moradores a longas caminhadas.

Apesar de, a partir dos anos 50, abrigar uma população de porte razoável, somente nos anos 70 é que os moradores passaram a contar com água encanada (colocada em 1975) e luz elétrica eficiente (de 1976) pois a energia que chegava nas casas não permitia que os moradores tivessem aparelhos eletrodomésticos. Dava, no máximo, para ter uma lâmpada, assim mesmo das mais fracas.

Hoje, o Forte de São João é um lugar como outro qualquer, que as pessoas que não se incomodam de ter de percorrer diariamente suas imensas escadarias procuram para morar. Uma casa média, atualmente, está custando de aluguel entre Cr\$ 25 mil e Cr\$ 30 mil, e quase não há disponível, enquanto para venda o preço gira em torno de Cr\$ 800 mil / Cr\$ 1 milhão, uma quantia relativamente pequena se comparada com a maioria dos demais bairros da cidade.

Se antigamente a vida no bairro era bem difícil, a de hoje esta longe de ser a que os moradores querem. A maioria se queixa do descaso da Prefeitura e do Governo do Estado, principalmente depois das últimas eleições, em novembro de 1982, quando muitos políticos fizeram os moradores ter esperança de que, com a vitória do PMDB, a situação do bairro iria melhorar.

"Nem a Prefeitura nem o Estado nos atendem" — queixa-se o vice-presidente do Movimento Comunitário, Jorge Henrique Firmino, que aponta o lixo (que depende da Prefeitura) e a falta de policiamento (do âmbito do Estado), como os dois problemas mais sérios do bairro, embora não sejam os únicos.

"O lixo nunca é recolhido" — diz o vice-presidente do Movimento Comunitário — "e fica acumulado pelo caminho. Já pedimos muitas vezes mas a Prefeitura nem responde".

A falta de policiamento assume uma proporção mais grave devido às características de difícil acesso do lugar. "As mulhees não têm a menor segurança" — queixa-se D. Laura Cruz — "quando voltam para casa, porque de noite podem ser agarradas por alguém. Por isso, é que as mulheres não têm condição de estudar à noite".

"Tem muito ladrãozinho solto por aí" — diz Adolfo Fontana — e quando a gente chama a Polícia, eles nunca vêm. Só pode ser porque têm medo..."

Apesar de profundamente arraigados ao lugar, moradores de determinada faixa etária estão sendo obrigados a se mudar do bairro. Como o Forte de São João só tem acesso através das escadarias, muitos já não tem condição de ter na sua rotina diária as estafantes subidas e descidas. Alguns, como D. Jecilda de Oliveira Pinto, foram obrigadas a se mudar por causa da pressão alta, mas nem por isso deixam de visitar o morro. Ontem, por exemplo, ela passou a manhã na casa onde morou. "Eu estou morando em outro lugar, mas com o pensamento aqui".